

# **DISCURSO E RETÓRICA: A CONCEPÇÃO DE VIRTUDE NA CRÍTICA AO MANIQUEÍSMO DE AGOSTINHO DE HIPONA**

*Joana Paula Pereira Correia*  
Graduanda em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)  
E-mail: joana\_paula\_p@hotmail.com

**Palavras-chave:** Virtude. Maniqueísmo. Agostinho de Hipona. Identidade cristã.

Agostinho de Hipona foi criado por sua mãe Mônica como um cristão, e recebeu uma educação latina. Ao ler Cícero se encanta pela Verdade e passa a buscá-la, recorrendo primeiramente a Bíblia. Contudo o que encontra é um livro simples e nada comparável a elegância ciceroniana. Frustrado, acaba por aderir ao Maniqueísmo.

O Maniqueísmo é uma Religião Dualista que percebe o universo ontologicamente dividido entre o Reino do Bem, ou da Luz e o Reino do Mal, ou das Trevas. E segundo sua cosmogonia o mundo foi criado a partir da disputa entre os dois princípios, na qual Satanás, o Príncipe das Trevas, invade o Reino de Luz rouba partículas de luz e as mistura com a matéria. Da mistura entre os dois princípios surge todo o Universo. Assim, tudo que existe é composto por uma porção de matéria maligna e uma luz de bondade. No homem a parte boa é a alma (COSTA, 2003, p. 39-87).

Manes se intitula o Paracleto que Jesus proclama. Não descarta o Cristianismo, muito pelo contrario, o utiliza de forma modificada e assim os maniqueus se intitulam como os verdadeiros cristãos. Entretanto, trazem uma nova revelação, a de Manes, que ele mesmo se encarregou de escrever. Sem deixar de considerar o Evangelho, apesar de descartarem alguns livros acusando-os de interpolados. O mesmo não fazem com o Velho Testamento que rejeitam sob denúncia ser obra de Satanás (COSTA, 2003, p. 117-130).

A atração de Agostinho pelo Maniqueísmo é decorrente de algumas questões: após ler Cícero o hiponense busca a Verdade o que julga encontrar entre os maniqueus; estes também se apresentavam como uma doutrina essencialmente racional; havia também no jovem uma busca pela origem do Mal rapidamente resolvida pelo dualismo (COSTA, 2002, p. 45-52).

Outra questão importante para a adesão de Agostinho ao Maniqueísmo é que como o Mal é visto por eles como algo intrínseco a matéria o pecado não era uma falha moral e sim a

falta de controle da matéria. Assim, mesmo pecando a alma se conserva inalteradamente boa. Desta forma, o maniqueu se via livre para pecar sem o peso na consciência de estar prejudicando sua porção boa.

Apesar dessa percepção, a prática do pecado não era livre. Divididos hierarquicamente em Eleitos e Ouvintes os maniqueus deviam respeitar um serie de normas de conduta ascética, mais rígida aos primeiros e menos para os segundos.

O propósito do Maniqueísmo era o de liberar as partículas de Luz aprisionadas no Universo. O que era feito por meio da purificação, ou seja, da digestão dos alimentos nos estômagos dos Eleitos. Por tal motivo, estes apenas podiam comer alimento com a maior quantidade de partículas de luz, os vegetais, que não poderiam ser cozidos. O vinho, a prática do sexo e o trabalho também eram vedados a estes indivíduos. Tinham a importante função de proclamar a fé, a verdade. Todo este conjunto de regras constituía a doutrina dos Três Selos. O sexo era mal visto, pois por meio dele novas partículas de luz eram aprisionadas à matéria. Agostinho foi durante nove anos um Ouvinte, tendo que acatar a normas menos rígidas, como o respeito aos Eleitos e a não procriação.

Aos poucos o hiponense se desilude com o Maniqueísmo. Algumas questões cruciais para a desilusão são: passa a estudar a astronomia e percebe incongruências entre este conhecimento e a gnose; devido a este e outros estudos (mesmo dos livros maniqueus) passa a ter vários questionamentos que nenhum Eleito consegue lhe responder, nem mesmo o grande sábio Fausto; além do mais, começa a perceber-se em uma religião baseada na fé e não na razão (BROWN, 2005, p. 64-70).

Desiludido se muda para Roma e depois para Milão onde conhece o Bispo Ambrósio. E ouvindo as pregações do Bispo de Milão toma conhecimento de um Cristianismo mais racional cuja base esta em um neo-platonismo cristianizado. Em 386 Agostinho se converte a esta religião.

Convertido passa a defender o Cristianismo e a polemizar com o Maniqueísmo. Escreve textos anti-maniqueus até próximo de sua morte em 430. O primeiro texto que escreve com este propósito é o *De moribus ecclesiae catholicae et de moribus Manichaeorum* (AGOSTINHO, 388/390). Esta obra se insere na primeira fase de escritos cristãos de Agostinho que vai da conversão até sua consagração ao episcopado (396).

O *De moribus* é dividido em dois livros. O primeiro, *De moribus ecclesiae catholicae*, é um estudo sobre a moral cristã, que expõe para onde devemos dirigir nossa vontade, estabelece que Deus é o Supremo Bem e mostra o significado da união com Ele na caridade,

fala das quatro Virtudes Cardeais e também mostra as virtudes cristãs dos ascetas, dos clérigos e dos leigos.

Já o segundo livro, *De moribus manichaeorum*, descreve e refuta os ensinamentos maniqueus. Expõe as práticas e doutrinas da seita, como o ascetismo e a doutrina dos três Selos. O tom deste livro é de denuncia não só ao que ele demonstra como erro dos maniqueus, mas também a falsidade deles em não cumprir sua própria doutrina. Desta forma, Agostinho não critica apenas a seita, mas os indivíduos que fazem parte dela, entrando, assim, no âmbito pessoal.

A Virtude se mostra neste texto como uma questão de vital importância, pois Agostinho a utiliza para opor cristãos e maniqueus sendo os primeiros vistos por ele como Virtuoso e os outros como viciosos, mentirosos e orgulhosos. É por meio dessa oposição que o Bispo constrói uma identidade cristã, pois ele nos mostra no primeiro livro que ser cristão é ser virtuoso e no segundo ele opõe a essa fala, descrevendo os maniqueus como não virtuosos, não podendo clamar para si o título de cristãos.

É importante destacarmos o uso da Autoridade, ou seja, das Sagradas Escrituras e da Tradição Cristã para confirmar suas afirmações. Outra questão importante é que devido à rejeição do Antigo Testamento pelos maniqueus uma preocupação do Bispo é a de mostrar para seus adversários a continuidade entre as Escrituras, assim ao longo de todo o texto ele as compara.

Agostinho define a Virtude como “el camino que conduce a la verdadera felicidad” (AGOSTINHO, 1948, liv. I, cap. XV, p. 25). Para alcançarmos este conceito precisamos primeiro compreender o que Agostinho entende por “verdadeira felicidade”.

Utilizando-se da retórica, da razão e da autoridade Agostinho chega a seguintes conclusões. Primeiramente, que apenas se pode ser feliz com amor e posse do Sumo Bem, sendo este o “[...] mejor que podamos nosotros adquirir [...]” e que “[...] no se pueda perder contra nuestra voluntad [...]” (AGOSTINHO, 1948, liv. I, cap. III, p. 5).

Parte então para a análise do homem para saber qual é o Sumo Bem. Sendo este formado de corpo e alma ele analisa o primeiro. Na sequência, percebe que sem a alma o corpo não tem vida, e portanto é ela o Sumo Bem do corpo. E a alma? Os bons costumes são exclusivos da alma dotada de Virtude, a perfeição da alma. E a Virtude deve ser buscada em Deus, sendo Ele o Sumo Bem.

Portanto, a Felicidade está na posse e amor do Sumo Bem que é Deus. E a Virtude é o caminho para a Felicidade. Contudo, ela não é um dom de Deus, pois depende da vontade

humana, pois a busca do soberano bem parte do homem que direciona o amor a este bem. (REIS, 2006, p. 90).

Para Agostinho a Virtude se divide em quatro.

[...] se puede decir que la templanza es el amor que se conserva integro e incorruptible para solo Dios; la fortaleza es el amor que todo lo sufre sin pena, con la vista fija en Dios; la justicia es el amor que no sirve más que a Dios, y por esto ejerce señorío, conforme a razón, sobre todo lo inferior al hombre; y la prudencia, en fin, es el amor que sabe discernir lo que es útil para ir a Dios de lo que le puede alejar de Él (AGOSTINHO, 1948, liv. I, cap. XV, p. 25).

Agostinho exemplifica cada uma das quatro Virtudes com trechos do Antigo e do Novo Testamento. Mostrando assim, que a Razão guiada pela autoridade juntamente com o amor e a Virtude, leva para o caminho da Verdade, ou seja, para o conhecimento de Deus, que leva a perfeição.

A Temperança diz respeito à pureza e incorruptibilidade do amor a Deus funcionando de forma a reprimir as paixões, dirigindo o amor as coisas insensíveis e divinas.

[...] templanza, cuyas promesas son la pureza e incorruptibilidad del amor, que nos une a Dios. Su función es la represión y pacificación de las pasiones, que ansían lo que nos desvía de las leyes de Dios y de su bondad, o lo que es lo mismo, de la felicidad. Allí, en efecto, tiene su asiento la verdad, cuya contemplación, goce e íntima unión hace, sin duda, dichosos, como, al contrario, los que de allí se apartan se ven cogidos en las redes de los mayores errores y aflicciones (AGOSTINHO, 1948, liv. I, cap. XI, p. 35).

Sendo função da Temperança: “[...] despojar del hombre viejo y renovarnos en Dios, es decir, despreciar todos los placeres del cuerpo y las alabanzas humanas y referir todo su amor a las cosas invisibles y divinas” (AGOSTINHO, 1948, liv. I, cap. XIX, p. 36). São vários os trechos Evangélicos destacados por Agostinho que apontam: para ao desapego as coisas sensíveis (como exemplo: 1 Timóteo, 6:10 e 2 Coríntios 4:18) e para uma renovação do homem pela vinda de Cristo e pelo amor a Deus (como exemplo: 1 Coríntios 15:22; Colossenses 3:9; 2 Coríntios 4:10 e Salmos 50:12).

A Fortaleza é o desapego aos bens do mundo, entre eles o corpo levando o homem a não mais temer a morte. É devido a este amor que a alma suporta todos os tormentos e as dores. O grande exemplo bíblico aqui é Jó e sua paciência.

Segundo a Justiça apenas existe um Deus ao qual devemos seguir acima de todas as coisas. Tais regras são afirmadas pelos Mandamentos de Moisés, que é depois confirmado por Cristo.

Esta es la regla de vida que la justicia prescribe al alma amante, de que se trata: servicio pronto y con la mejor buena voluntad al Dios de sus amores, que es sumo bien, suma sabiduría y suma paz; y todas las demás cosas, las rija y gobierne, parte de ellas como sujetas a él y parte como previendo que algún día lo estarán. Esta regla de vida la confirma, como decimos, el testimonio de ambos Testamentos (AGOSTINHO, 1948, liv. I, cap. XXIV, p. 44).

Segundo Tomaz Tadeu da Silva identidade é aquilo que o individuo é, e, diferença é aquilo que o outro é, contudo, estes dois conceitos estão estritamente relacionados, pois só se faz sentido afirmar uma identidade pela existência da diferença e vice-versa. Isso por que na origem está a diferença, e é a partir do reconhecimento de que há o outro e que este outro é diferente (reconhecimento do “nós” e do “eles”) que vem a necessidade de afirmar a identidade, que nada mais é do que categorizar, normatizar, entendendo o “nós” como o correto, a norma, e o outro, o “ele” como a negação desta norma, a oposição, que é diferente do “nós” (SILVA, 2000, p. 74-76).

Assim, Agostinho estabelece os cristãos como a norma, como os verdadeiros cristãos detentores de Virtudes que os levará à Felicidade. E os maniqueus como a negação destas normas cristãs, praticam uma fé errônea, são orgulhosos e viciosos, ou seja, não possuem nenhuma das Virtudes cristãs e assim nunca encontrarão a Felicidade, pois, apenas conseguem perceber o sensível, o material.

No Primeiro *De moribus ecclesiae catholicae*, Agostinho além de nos mostrar o que é Virtude e a compatibilidade entre os Testamentos, e nos mostra o quanto os cristão são valorosos.

Herencia tuya es también, ¡oh Iglesia católica!, esa multitud de hombres hospitalarios, caritativos, misericordiosos, sabios, castos y santos, ¡muchos de los cuales están abrasados del amor de Dios hasta tal punto, que, en su perfecta continencia e increíble desprecio del mundo, son sus verdaderas delicias la soledad (AGOSTINHO, 1948, liv. I, cap. XXX, p. 64).

Os anacoretas e cenobitas são, para o Bispo, os melhores, mais perfeitos e mais puros entre os seres humanos, pois vivem uma vida santa. Não apenas exaltam a castidade, mas a praticam. Estes se retiram do mundo e comem apenas o necessário para sobreviver, se

abstendo de todo alimento pesado e não apenas a carne e o vinho. Vivem uma vida de contemplação que apenas a inteligência dos santos pode alcançar. Empregam seu tempo em orações, leituras e conferências. Vivem na modéstia, humildade e sofrimento, nada possuem e são gratos a Deus. Dedicam parte de seu tempo aos trabalhos manuais, dos quais retiram o sustento e isto os ajuda a elevar o pensamento a Deus e o que sobra do trabalho doam aos necessitados (AGOSTINHO, 1948, liv. I, cap. XXXI).

Os clérigos são santos por viverem uma vida de perfeição mesmo no mundo e em contato com o vício do povo. Estes têm a função de zelar pelos sãos e cuidar e curar os doentes<sup>1</sup> (AGOSTINHO, 1948, liv. I, cap. XXXII).

As comunidades dentro das cidades vivem em caridade, santidade e liberdade cristã, vivem de seu trabalho cujo excedente doam. Todos praticam o jejum ao anoitecer, mas alguns vão além, e chegam a passar dias sem comer. Agostinho adverte que as regras alimentares não devem ultrapassar o limite da força do corpo, assim, apenas os saudáveis os praticam. Até por que as Escrituras advertem que é pior o que sai da boca e não o que entra nela (MATEUS 15: 11). E se utilizando de Paulo (ROMANOS 14:2-14), Agostinho chega a conclusão que o que mancha não são os alimentos e nem o ato de comer, mas sim a intenção do ato, ou seja o desejo desenfreado de comer (AGOSTINHO, 1948, liv. I, cap. XXXIII).

Já quanto aos leigos Agostinho admite que muitos destes não seguem verdadeiramente os ensinamentos cristãos, sendo supersticiosos. Mas cabe a Igreja Católica censurá-los e corrigi-los, como uma mãe faz com um mau filho. Entre estes há aqueles que se arrependem e se penitenciam de seu pecado, mas os que continuam no pecado devem ser tolerados, pois, primeiramente podem se arrepender a qualquer momento, e em segundo cabe apenas a Deus julgar e separar o joio do trigo (AGOSTINHO, 1948, liv. I, cap. XXXIV).

No segundo livro *De moribus manichaeorum*, Agostinho expõe os erros da doutrina maniqueísta, mostrando que: o mal não é inerte a substância e sim é uma questão moral, é o contrario da natureza é o não Ser; o Reino da Luz como é visto pelos maniqueus é mutável, corruptível e violável, não sendo o Sumo Bem, pois, se assim fosse não poderia sofrer danos pelo Reino das Trevas e por fim critica a doutrina dos Três Selos para então falar da falta de Virtudes dos maniqueus. Nesta comunicação nos preocuparemos apenas com as críticas que o Bispo faz aos Selos.

---

<sup>1</sup> Agostinho entende a saúde e a doença não apenas como uma expressão física, mas também no sentido espiritual, pois alma e corpo devem ser saudáveis e a saúde física depende da saúde da alma e vice-versa. É conservando os bons hábitos, praticando o ascetismo sem exceder os limites do corpo e amando a Deus e a Verdade que a alma e o corpo serão saudáveis.

Segundo o Selo da Boca os maniqueus eram exigidos a não proferir palavras nocivas, por que a boca está destinada a proclamar a Verdade e louvar o verdadeiro salvador e a cumprir uma série de restrições alimentares. Agostinho coloca que os maniqueus blasfemam simplesmente por pregarem uma doutrina mentirosa. A blasfêmia para o Bispo é a própria doutrina maniqueísta, e assim, estes apenas poderiam cumprir este Selo se abandonassem a própria fé.

Cuando purifiquéis vuestra secta de todos estos errores y de otros parecidos, entonces, y sólo entonces, estará limpia vuestra boca de blasfemias. Esto sería, ciertamente, abandonar vuestra secta, pues no es maniqueo quien no cree ni repite lo que vuestro jefe dejó escrito (AGOSTINHO, 1948, liv. II, cap. XI, p. 23).

Já quanto à abstinência da carne e do vinho exalta Mateus 15:11 e Romanos 14:21 mostrando que o importante não é o que se come, mas como se come. Assim, para Agostinho é permitido comer de tudo, desde que o faça sem gulodice de forma a apenas suprir as necessidades do corpo, sendo um meio de frear as paixões.

(...) la abstinencia de manjares exquisitos como un medio para reprimir las pasiones y no de evitar una inmundicia que no existe. Porque si alguien, sin atender a la naturaleza de las cosas ni a la fuerza del alma y cuerpo, coincide con vosotros en que el alma se mancha con los manjares, tampoco habrá oposición entre vosotros y yo en la afirmación de que la manchan mucho más la codicia y la pasión, ¿qué mayor sinrazón o locura que borrar del número de los elegidos a quien quizás sólo en gracia de la salud y sin codicia alguna come una miaja de carne, mientras que a otro que con pasión desmedida desea los manjares y come con voracidad trufas bien espolvoreadas de pimienta se le juzgue, a lo sumo, como algo intemperante, pero no se le condene como corruptor del sello? (AGOSTINHO, 1948, liv. II, cap. XVI, p. 51).

Contudo, apesar de se abster de certos alimentos, o Bispo acusa os maniqueus de serem gulosos, ou seja, como era por meio de sua digestão que as partículas de luz presentes nos vegetais eram liberadas, os Eleitos comiam muito para poder liberar o maior número de partículas.

Es también un crimen en vuestra secta que alguien, a excepción de los elegidos, toque los manjares que se sirven en los banquetes, como para purificarlos. (...) Pues con mucha frecuencia se sirven en los banquetes tal cantidad de alimentos, que no se pueden consumir, debido al pequeño número de comensales; y como es un sacrilegio dar lo superfluo a otros o

dejarlo perder, sois víctimas de grandes indigestiones a causa de la ardiente pasión de purificar todo lo que se sirve (AGOSTINHO, 1948, liv. II, cap. XVI, p. 52).

E vai além, mostrando que devido a estes ensinamentos os Maniqueus deixam de fazer caridade com os pobres julgando cometer um crime contra as partículas presas nos alimentos que deixarão de ser liberadas.

Estos principios os llevan a prohibir dar pan al pobre, y, sin embargo, la misericordia, o más bien, la envidia, os inspirará darle dinero. ¿Qué recriminaré en primer lugar en esta práctica, vuestra crueldad o vuestra vesania o locura? ¿Qué le sucederá si se halla en un lugar donde no hay nada que vender? Este pobre hombre perecerá de hambre, mientras que vosotros, que pasáis por hombres sabios y bienhechores, os compadecéis más de los pepinos que de vuestros semejantes (AGOSTINHO, 1948, liv. II, cap. XVI, p. 53).

O Selo das mãos impede os Eleitos de matar animais, cultivar a terra, arrancar ou cortar as árvores e os frutos e mesmo trabalhar. Deveriam viver da caridade dos Ouvintes. Utilizando duas passagens bíblicas de Mateus 8:32 e 21:19, o Bispo mostra que o próprio Jesus infligiu esse Selo secando uma figueira e ordenando que os porcos se jogassem no precipício, mesmo reconhecendo como passagens alegóricas, Agostinho argumenta que Jesus não usaria um crime como um signo. E questiona o que uma árvore ou um vegetal teria de mais excelente que um animal. Além de colocar o trabalho como algo bom, e importante para frear as paixões.

Mas o principal problema deste Selo é que apesar de impedir que os Eleitos façam o pecado, alguém tem que fazer por eles e estes são os Ouvintes, assim Agostinho os acusa de cometerem o pecado por premeditação, pois enviam alguém para fazer por eles. Além de continuar acusando-os de preferirem os vegetais aos seres humanos, uma vez, que deixariam um pobre morrer de fome a colher vegetais ou matar animais para nutri-lo.

E, finalmente, o Selo do Seio e a condenação do sexo e do casamento para os Eleitos, enquanto os Ouvintes são liberados para se casarem, mas não é recomendada a procriação. Do qual a acusação de Agostinho gira em torno da noção cristã de casamento, a união entre marido e mulher com fins de procriar. Se o casamento não tem essa função servindo apenas para suprir o desejo da carne este não é um casamento e a mulher não cumpre sua função de esposa/mãe e sim de prostituta.



De donde se sigue que, si vosotros pretendéis tener una mujer, no es para engendrar hijos, sino para satisfacer la concupiscencia. Pero el matrimonio, según las leyes nupciales, es la unión de un hombre y de una mujer con el fin de engendrar hijos; y a cualquiera que le parezca mayor crimen la generación que la unión, por esto mismo prohíbe las nupcias: hace de la mujer, más bien que esposa, una prostituta, que por regalos se entrega al hombre para satisfacción de su concupiscencia. Allí donde la mujer es esposa, allí hay matrimonio; pero no hay matrimonio donde se impide la maternidad; allí no hay esposa. Prohibís, por consiguiente, el matrimonio y no podéis con razón alguna libraros de este crimen, que ya os reprendió el mismo Espíritu Santo (AGOSTINHO, 1948, liv. II, cap. XVIII, p. 65).

Desta forma, Agostinho mostra que praticando a doutrina dos três Selos os maniqueus estão em desacordo com a moral e os costumes cristãos, pois essa doutrina os faz blasfemadores, gulosos, avaros, preguiçosos, e luxuriosos. E tais práticas não condizem com as Virtudes exaltadas nos Evangelhos por Cristo.

Por último, o Bispo mostra que nem os próprios preceitos os maniqueus praticam enumerando vários relatos de Eleitos que se envolveram em brigas devido a bebedeiras, que comeram carne às escondidas, que praticaram os prazeres do banho e que tiveram relações com a mulher do próximo.

(...) no pude conocer ni a uno solo de vuestros elegidos que, desde el punto de vista de vuestros preceptos, no haya sido sorprendido en pecados o no haya dado que sospechar. Oíamos que muchos se daban al vino y a la carne y a los placeres del baño; y a otros se les acusó, sin posibilidad de réplica, de corruptores de las mujeres del prójimo (AGOSTINHO, 1948, liv. II, cap. XXIX, p. 67).

Portanto, os maniqueus além de não serem bons cristãos por não praticarem as Virtudes não são nem bons maniqueus, pois não praticam os próprios Selos, em sua própria doutrina erram.

Percebemos que as Virtudes são de vital importância para Agostinho, pois elas distinguem os Verdadeiros cristãos dos falsos e mentirosos. Tais Virtudes sendo baseadas no Evangelho condizem apenas com a fé da Igreja Católica e por isso tudo que se encontra fora dela, como os maniqueus, são um erro, e devem ser combatidos, pois apenas assim poderão perceber seu engano e procurar a Verdade.

## Referências

- AGOSTINHO. De las costumbres de la Iglesia Católica. In: OBRAS COMPLETAS DE SAN AGUSTÍN. *De las costumbres de la Iglesia católica y de las costumbres de los maniqueos*. Tradução de Teófilo Prieto. Madrid: La Editorial Católica/BAC, 1948. Disponível em: <<http://www.augustinus.it/spagnolo/index.htm>>. Acesso em: 4 set. 2009.
- COLOSSENSES. In: BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2008. Capítulo 3.
- CORÍNTIOS. In: BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2008. Livro 1, capítulo 15.
- \_\_\_\_\_. In: BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2008. Livro 2, capítulo 4.
- COSTA, Marcos Roberto. *O Problema do mal na polemica antimaniquéia de Santo Agostinho*. Porto Alegre: UNICAMP, 2002.
- COSTA, Marcos Roberto Nunes. *Maniqueísmo: História, filosofia e religião*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- BROWN. Santo Agostinho, uma biografia. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- MATEUS. In: BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2008. Capítulos 8, 15 e 21.
- MARROU, H. *Santo Agostinho e o agostinismo*. Rio de Janeiro: Agir, 1957.
- ROMANOS. In: BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2008. Capítulo 14.
- REIS, Émilien. Villas Boas. O conceito de Virtude no Jovem Agostinho: Evolução ou revolução. 2006. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- SALMOS. In: BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2008. Capítulo 50.
- SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- TIMÓTEO. In: BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2008. Livro 1, capítulo 6.